

A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA CULTURA REGIONAL. A RESSACA NO CARNAVAL BAIANO E O BONFIM LIGHT

Zélia Jesus de Lima¹
Ranulfo Magalhães, Renata Sampaio de Alencar²

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é refletir os processos de transformações das culturas regionais – a ressaca no carnaval baiano e o Bonfim “Light” –, focalizando as influências dos meios de comunicação de massa. O presente texto é uma primeira versão que será aprofundada com a participação de alunos do Curso de Comunicação Social. Trata-se de uma atividade científica ligada ao Projeto Oficina de Cultura, parte da disciplina Cultura Brasileira.

As idéias de cultura e identidade vindas de paradigmas do Iluminismo europeu (século XVIII), expressando a voz das elites do poder espalham-se. Daí até 1950, com os primeiros efeitos da economia global e da televisão, surgiram muitas discussões sobre essas duas idéias. A concepção de identidade centrava-se na política patrimonialista nacional, étnica e simbólica diferenciadora.

A partir de 1980, o aprofundamento dessa economia e os avanços de novas tecnologias, particularmente da Internet, produzem novos efeitos na vida humana, nas culturas e sociedades nacionais. É nesse contexto que os conceitos de culturas e identidades regionais adquirem o sentido de pluralismo e/ou hibridismo.

Os discursos sobre cultura seguem os mesmos passos da identidade. A cultura será tratada aqui como um processo, o que para o antropólogo Roberto DaMatta torna-se um “bom instrumento” para se compreender as diferenças entre os homens e as sociedades.

O foco de nosso trabalho recai sobre dois pontos da cultura do momo. O primeiro é a ressaca no carnaval baiano ressaltando-se o envolvimento de jovens foliões em diferentes tipos culturais: **na culinária** (acarajé, feijoada, sanduíche, crepe, churrasquinho; suco energético, “quentão”, cerveja, e refrigerantes); **no descanso/ressaca** (o sono registrado entre lugares: barracas, camarotes, praças, ruas e praias); **nos cuidados com o corpo** (esporte, academia, tatuagens, novo corte de cabelo e a liberdade dos trajes); e **nas formas de danças** (passos e movimentos inventados) ao som das músicas de cantores locais, que ao final da festa carnavalesca são classificadas pela mídia.

O outro ponto é a emergência da festa chamada Bonfim “Light”, que surgiu em consequência de um ato proibitivo divulgado pelas autoridades político-religiosas contra a presença de trios elétricos na tradicional festa popular.

Vale ressaltar que a discussão desses pontos da cultura do Momo são diferentes, ao mesmo tempo complementares em face da presença do trio elétrico.

Colocados esses pontos da introdução, define-se o objeto de estudo e seu método. Ao privilegiar a análise de duas variantes – cultural e religiosa – associadas ao carnaval baiano, levanta-se um problema: até que ponto os conceitos de **identidade** e **proibição** ajudam a compreender as práticas dos jovens foliões no carnaval baiano e o significado da emergência da Festa Bonfim “Light” em relação ao tradicional cortejo da Festa do Senhor do Bonfim?

Os conceitos de identidade e proibição aqui abordados se expressam de acordo com o pensamento de sociólogos e antropólogos, incluindo Homi Bhabha, Stuart Hall, Nestor Garcia Canclini, Eliana Reis, Bakhtin e Roberto DaMatta.

¹ Professora do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade Católica do Salvador – UCSal. Mestre em Ciências Sociais (UFBA).

² Acadêmicos do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

Os quatro primeiros autores defendem a necessidade de analisarem-se esses dois conceitos, estabelecendo uma relação entre o local e global. Os demais agem de forma semelhante, ajudando a entender a Ressaca no carnaval e a Festa do Bonfim “Light” sob o olhar sócio-antropológico.

Homi Bhabha em *O local da cultura*, abordando O Tempo, a Narrativa e as Margens da Nação Moderna, ressalta que os conceitos de identidades nos discursos oficiais fazem uma associação com a questão da diferença cultural proveniente das minorias, mas a mesma não representa uma idéia de diversidade e/ou de pluralismo. As práticas culturais das minorias – mulher, negro, índio, imigrante – são um exemplo da análise do autor. Ele mostra que muitos ex-colonizados, residentes na Inglaterra, depois do processo de adaptação descobrem que as elites reconhecem suas práticas, não alterando a concepção de identidade. Sobre essa passagem expressa: “[...] o ato de acrescentar não necessariamente equivale a somar tais práticas com a cultura nacional”.

Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* também defende esse conceito. A globalização (capitalismo) como agente involuntário da modernidade não é algo previsível, produz efeitos importantes, que alteram a concepção de identidade. O primeiro desses efeitos é a contestação dos contornos da identidade nacional, seguido das pressões da diferença e alteridades da diversidade cultural. Outros se referem à possibilidade do fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades.

Eliana Reis – em *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural* – situa a reinvenção da África no Brasil, salientando, também, a questão das diferenças culturais. Ao abordar essas diferenças num plano transnacional, a autora recorre a informações literárias, ilustrando seu pensamento: “[...] um poeta só é poeta quando vivencia em sua sensibilidade e em sua exigência de expressão tudo o que se passa no campo da relação mundial, procurando exprimir através si e dos valores de sua própria cultura”. Isto significa dizer que a presente discussão adquire notoriedade, articulando-se com os conceitos local/global.

Nestor Garcia Canclini em *Consumidores e cidadãos*, desde 1950 mostra que a economia global e os meios de comunicação (televisão, satélites e redes ópticas) colocam no papel principal as culturas mundos exibidas como espetáculo multimídia. Enquanto isso, as culturas regionais persistem graças a uma combinação de elementos que remetiam à identidade e à internacionalização cultural do País. A preocupação do autor com a idéia de espetáculo privilegia a influência dos meios de comunicação como um instrumento para se pensar os hibridismos culturais e identitários.

Nesse sentido, Stuart Hall coloca um aspecto marcante:

[...] no final do século XX, fala-se muito em crise de identidade do sujeito. O homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Se antes estas identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade.

O que se nota é uma nova concepção de cultura e identidade, marcada pelos processos de fragmentação e/ou “desconstrução” do pensar o agente social, na contemporaneidade.

Quanto à categoria **proibitiva**, que equivale ao ato de impedir ou manifestar-se em um determinado lugar, será analisada de acordo com a opinião de Roberto DaMatta, quando analisa as diferenças culturais como um desvio. Segundo o autor, ver o Carnaval como algo desviante de uma festa religiosa, significa que não nos damos conta de que há cultura tanto no Carnaval quanto na festa religiosa. O Carnaval, sob o olhar de DaMatta, guarda uma profunda relação de complementaridade com as antigas procissões e /ou cortejos. Uma relação que depende do modo pelo qual elas engendram

novas combinações em situações concretas, algo que só a realidade pode dizer. Além dessa abordagem, a categoria **proibição** será posteriormente associada com elementos do grotesco analisados por Mikhail Bakhtin.

2. AS CULTURAS E IDENTIDADES REGIONAIS

Os conceitos teóricos sobre local/global aparecem aqui como um *corpus* que contempla várias linguagens, interagindo com as categorias sociais **identidade** e **proibição**. O mote do discurso conduz a uma preocupação com a diferença cultural. Isto ajuda a entender como esta diferença aparece no âmbito das duas variantes de estudo na cultura baiana, considerando-se a influência dos meios de comunicação de massa.

O Carnaval é uma festa democrática, considerando que todos os participantes extravasam alegrias e tristezas, mas possui especificidades que são apropriadas pela indústria cultural. Esta indústria transforma o carnaval num palco de encontro de vários povos e raças, uma vez que o Carnaval é, também, a festa das diferenças.

É nas relações de trabalho e do produto da indústria cultural que se pode constatar a questão da diferença. Em primeiro lugar, as relações da indústria cultural não diferem de outras de qualquer setor da economia do País. Salvador, durante o Carnaval, no sentido antropológico, transforma-se na cidade do “eu” e do “outro”, um condomínio fechado, com trios elétricos (palcos móveis gigantes) conduzindo as estrelas da música e suas respectivas bandas e blocos de foliões e populares.

Por outro lado, os blocos são formados por pessoas de classes sociais mais e menos elevadas. No corpo do primeiro bloco (classe elevada), quer no chão, quer nos camarotes ou palcos dos trios elétricos há convidados especiais e turistas divertindo-se, juntamente, com milhares de baianos. Em outros blocos, como os afros, no caso, o Ilê Aiyê, há impedimento contra o acesso de pessoas estranhas, alegando-se preservar a identidade cultural. Esta posição está mudando. A globalização, conforme o discurso de Stuart Hall, tem sua participação nesse aspecto, abrindo brechas para uma nova tendência da cultura e identidade locais.

Além dessas relações entre os baianos e “pessoas de fora” nos blocos que contribuem para mudanças na concepção da cultura e identidade local, ressalta-se outra forma de diferença: a das ações praticadas pelos **organizadores da cultura momesca**, de acordo com os registros do livro *Seminários do Carnaval*, coordenado pela Universidade Federal da Bahia:

- a) na confecção de “abadás” para os foliões (fantasia) das classes com *status* mais e menos elevadas os lucros vão para grandes empresas, do sul do País. Isto coloca a cidade de Salvador na condição de pré-indústria. A Bahia perde a oportunidade de absorver um índice maior de mão-de-obra, considerando as dificuldades que os componentes do bloco pequeno têm para entrar no mercado;
- b) a empresa de segurança, apesar de prestar serviços de proteção aos foliões, pratica, por vezes, atitudes violentas contra populares, em nome do “carnaval da paz”;
- c) a instalação dos palcos em cima dos trios elétricos e a qualidade de sonorização significam a garantia da festa carnavalesca. Os trios movimentam-se pelas ruas do centro de Salvador, funcionando como a maior janela midiática do mundo. Ele é uma representação da espetacularidade do Carnaval e de seus blocos. Além disso, o palco divulga o trabalho dos artistas; identifica pontos de venda dos CDs e abadás; atrai negócios ligados ao turismo; oferece trabalho a milhares de pessoas e lucros aos empresários em milhões de reais.

O grande bloco (considerado *status* elevado) dispõe de uma estrutura administrativa eficiente. Durante o Carnaval, a administração do bloco contrata o serviço de muita gente: garçons, médicos, enfermeiros, seguranças, publicitários e de técnicos/profissionais que trabalham na área de *design*, sonorização e outros.

Já o pequeno bloco tem uma participação limitada no mercado, desenvolvendo atividades diferentes das empresariais. Nesse sentido, alguns blocos de bairro e de amigos ainda são vistos no carnaval de Salvador.

Nas últimas décadas do século XX, muitos blocos carnavalescos incluindo trios elétricos tentaram participar do cortejo da tradicional festa em louvor ao Senhor do Bonfim. Foram proibidos de continuar o divertimento por autoridades político-religiosas. Alguns desses blocos, de certa forma numa atitude rebelde, criaram uma festa alternativa – o Bonfim “Light”, que tem sido animada.

É nesse contexto que se pretende analisar as duas variantes culturais e religiosas articuladas com o Carnaval, delimitadas como nosso objeto de estudo. Muitas discussões, ainda hoje, são suscitadas em torno da permissão ou proibição dos trios na Lavagem do Bonfim. O Bonfim “Light” reúne aqueles jovens de classe média que não participam do cortejo tradicional por razão religiosa. Este evento ocupa o lugar deixado pela ausência dos trios no caminho do cortejo de fé.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o carnaval na Bahia tornou-se um centro referencial de lazer do mundo, em face da diversidade cultural, da renovação das letras, dos sons e ritmos, fazendo de Salvador uma das cidades-vitrines do País.

Por fim, a sociedade baiana vem se modificando e torna-se cada vez mais complexa, heterogênea e diferenciada. A pesquisa que contempla elementos culturais do Carnaval (culinária, ressaca, cuidados com o corpo, dança associada aos ritmos baianos) e a discussão sobre a presença de trios elétricos na festa do Bonfim são relevantes. Pode-se conhecer traços da história cultural local e também mudanças na concepção de identidade, considerando os caminhos do pluralismo e/ou do hibridismo.

4. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

MOURA, Milton. Hiper cortejo e metacortejo o carnaval baiano como interface. In: _____. **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-Colonialismo, Identidade e Mestiçagem Cultural**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

SEMINÁRIOS DO CARNAVAL. UFBA (Reitoria), 1999. vs. 1 e 2.